

A PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA EM MINAS GERAES

O 15 de novembro em Ouro Preto

POR

Antonio Olyntfo dos Santos Pires

A proclamação da Republica em Minas Geraes

O 15 de Novembro em Ouro Preto

A ascensão do partido liberal ao poder, a 7 de junho de 1889, encontrou o partido republicano muito fortalecido em Minas.

Tinhamos tido, a 27 de maio, uma eleição senatorial, a última a que allí se procedeu durante o periodo monarchico; e a ella haviam concorrido, arregimentados, disputando a victoria, os tres partidos—liberal, conservador e republicano. Os nossos candidatos á lista triplíce eram Joaquim Felício dos Santos, João Nogueira Penido e Francisco Honorio Ferreira Brandão.

O partido republicano estava tão pujante e tão coheso que, durante muitos dias seguidos, os nomes de nossos tres candidatos figuraram na frente em todas as apurações feitas pela imprensa, o que quer dizer que tivemos victoria nas cidades ligadas pelo telegrapho ou pela estrada de ferro, isto é, nas mais adiantadas. E a votação dos nossos candidatos só começou a ceder á dos nossos adversarios quando chegaram as baterias das localidades mais afastadas, subjugadas ao dominio dos mandões da politicagem e onde era difficil o accesso das idéas novas. Mesmo assim, no resultado final do pleito, entrou um candidato republicano na lista triplíce e os dous outros vieram logo após.

Tal resultado foi o seguinte :

- 1.º Horta Barbosa—conservador.
- 2.º Joaquim Felício—republicano.
- 3.º Carlos Peixoto—conservador.

Seguindo-se :

- João Penido—republicano.
- Francisco Honorio - republicano.
- Cezario Alvim—liberal etc.

Foi assim que o partido liberal, ao subir ao poder, encontrou os republicanos mineiros. Era uma força a temer e, portanto, a combater.

O Conselheiro Affonso Celso, Visconde de Ouro Preto, ao assumir as responsabilidades do Governo, como chefe do gabinete, viu o perigo e procurou conjural-o; e o fez sem perda de tempo, não só incluindo no seu programma a autonomia das provincias, com presidentes electivos, a liberdade de cultos, a temporariedade do Senado etc., como reconhecendo belligerante o partido nascente, que perseguiu e procurou abater, como adversario que era.

Foi das mais agitadas e notaveis, dos ultimos dias do imperio, a sessão da Camara dos Deputados em que se apresentou o gabinete de 7 de junho para formular o seu programma governamental.

O deputado padua João Manoel, orador emerito e escriptor primoroso, recebeu o gabinete com uma oração vibrante, em que atacou de frente o regimen monarchico e terminou no meio de calorosos applausos da assistencia, fazendo ecoar pela sala das sessões um entusiastico:—*Viva a Republica!* No meio dessa agitação, levantou-se o sr. Visconde de Ouro Preto e conseguiu empolgar o auditorio com uma replica brilhante, prompta e convencida, na qual accentuou desde logo:—*Viva a Republica, não! Viva a Monarchia!* essa Monarchia tão democratica, tão abnegada e tão patriótica, que seria a primeira a conformar-se com os votos da nação e a não lhes oppôr o menor obstaculo, si ella, por seus órgãos competentes, manifestasse o desejo de mudar as instituições. E era por isso que a servia; não era um nullo».

O seu discurso foi vivamente ponteadado de apertes, que replicava com promptidão.

Declarou que não ameaçava a ninguem, que o seu programma não era de oppressão, mas, sim, de concessões; que queria doutrinar e vencer; que vinha salvar o Imperio com a bandeira de seu partido,—o programma do partido liberal, que havia sido votado em solemne congresso recentemente reunido no Rio de Janeiro.

Esse programma se resumia no seguinte:

—o alargamento do direito do voto;—a autonomia dos municipios e das provincias, sendo a base dessa reforma a eleição dos administradores municipaes e a nomeação dos presidentes de provincia, mediante listas organizadas pelos votos dos cidadãos;—a liberdade de cultos e seus conseqüentarios;—a temporariedade do Senado;—a reforma do Conselho de Estado, que perderia o character politico, conservando, apenas, o administrativo;—a liberdade de ensino e o seu aperfeiçoamento;—a lei deterras—a redução de fretes;—a expansão das vias de comunicação.

No seio do partido liberal, havia uma forte corrente que não se contentava com a autonomia das providencias e exigia a Federação. Essa idéa congregou 19 votos no Congresso Liberal.

O sr. Visconde de Ouro Preto, porém, nunca foi partidario da Federação; era uma voz dissonante no seio de seu partido, o qual não incluiu esta medida, francamente, no seu programma, pela opposição desse chefe prestigioso.

Depois de amplamente debatida no Congresso Liberal, devido a opposição do sr. Visconde de Ouro Preto, o partido incluiu em seu programma—«que ficaria livre ao primeiro organizador do Gabinete optar entre a Federação e a autonomia das provincias, conforme as circunstancias aconselhassem».

E que a Federação era a idéa mais carinhosamente afagada pelo partido, prova-o a declaração do sr. Saraiva, outro eminente chefe liberal, quando, por occasião da apresentação do Gabinete de 7 de junho, deu conta á nação, da tribuna do Senado, do convite que teve do imperador para organizar o Gabinete, antes de ser chamado o sr. Visconde de Ouro Preto.

O sr. Senador Saraiva declarou que, fallando ao Imperador, mostrou-lhe os progressos da idéa republicana e encareceu-lhe a conveniencia de fazer a Federação; ao que refrucou o Imperador: «Sr. Saraiva, o senhor sabe que eu nunca fui obstaculo ás idéas adiantadas».

De tudo isso se conclue que a Federação era a medida mais fundamentalmente arraigada no espirito da maioria dos dirigentes do partido liberal; e que a autonomia, que figurava no programma do Ministerio Ouro Preto, ia se transformar em Federação durante as discussões parlamentares. Ninguem tinha duvidas sobre isto; discutia-se na imprensa partidaria somente a Federação, relegando todos para segundo plano a autonomia, julgada insufficiente para satisfazer as aspirações nacionaes.

Ruy Barbosa, numa das mais brilhantes fulgurações de sua penna adamantina, chegou a dizer:—«Ou a monarchia faz a federação, ou o federalismo faz a Republica».

O presidente do Conselho e o Ministerio da Justiça, que eram as figuras de mais destaque do gabinete de 7 de junho, eram ambos senadores por Minas, onde fizeram sua carreira politica e onde tinham seus melhores amigos.

Conheciam, pois, allí, o terreno da lucta e tinham elementos para leval-a avante. De modo que a perseguição e as ameaças aos republicanos foram mais intensas em Minas do que em outras provincias, como São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, onde tambem a propaganda republicana era tenaz, e o partido se avolumava e se fortalecia.

O Visconde de Ibituruna, nomeado Presidente de Minas, era um mineiro de tempera antiga, educado na escola severa da lealdade e da justiça.

Amigo do Imperador e do Visconde de Ouro Preto, elle cumpria, á risca, o programma que o seu partido havia traçado pelo verbo do presidente do Conselho de Ministros, de cuja confiança era o depositario fiel.

De modo que, no governo da Provincia, elle revelou immediatamente o seu proposito de não dar tréguas aos republicanos, cuja propaganda era mistér abafar por todos os modos.

Alguns actos administrativos revelaram iniludivelmente esse proposito: a exoneração de Sebastião Sette, de professor do Lyceu de S. João d'El-Rey, a do velho Cezimbra de agente do correio de Marianna, etc.

Sebastião Rodrigues Sette e Camara era professor de inglez e de francez no Lyceu de S. João Del-Rey, custeado pelos cofres da provincia. Naquella cidade, dirigia elle a *Patria Mineira*, folha de propaganda republicana, a qual, como era natural, criticava actos administrativos, passíveis de critica, embora usando sempre de linguagem commedida e conveniente, como geralmente o faziam quasi todos os outros orgãos republicanos mineiros.

Apezar de excellente professor e funcionario de irreprehensivel proceder, cahiu no desagrado dos chefes liberaes locais, que reclamaram do Presidente da provincia a sua exoneração.

E, para esgarmento dos republicanos, esse acto de violencia foi feito, no mez de outubro de 1889.

Sebastião Sette o commentou na *Patria Mineira* com uma nobreza e uma elevação de vista notaveis, que chamaram para a sua causa pessoal e para a da propaganda republicana as maiores sympathias, mesmo de adversarios desapixonados.

João Pinheiro, como presidente da Comissão Central Permanente do Partido Republicano Mineiro, mandou-lhe, a 31 de outubro de 1889, um officio em que lhe dizia:

«E' o fim desta levar-lhe não sei si os meus sentimentos, não sei si os meus parabens pela demissão que lhe acaba de ser dada pelo governo da provincia. Entre tantos e tão grandes serviços que o meu amigo tem prestado á causa da Republica, tornando-o um dos seus mais distinctos batalhadores, o caso dessa demissão, além de encerrar uma confissão de sua nobre altivez, é, ao mesmo tempo, a sagração do seu devotamento; é uma recommendação para o reconhecimento dos 6.000 mineiros republicanos que já o distinguem ha muito tempo.

Todos sabem que, no grupo da monarchia, não encontrarão, para substituí-lo, nem illustração, nem escrupulos tão grandes como os do amigo, no exercicio do magisterio.

Saúda-o, em nome da Comissão Central, João Pinheiro».

O velho Cezimbra era agente do correio de Marianna, havia muitos annos, e servia a contento da população e de seus superiores. Nunca havia sido encontrado em falta ou em irregularidade; mas como assignou, com o filho, o manifesto republicano, foi exonerado, mal se iniciou a situação liberal.

De modo que não podíamos contar com a tolerancia dos governantes, e tinhamos razões de sobra para recear as ameaças que chegavam ao nosso conhecimento.

Nessas condições, resolvemos transformar em *Sociedades Secretas* os Clubs Republicanos que existiam formados por muitas das localidades mineiras e cujo numero augmentava de dia para dia. Agindo ás

occultas, poderíamos melhor preparar os elementos de resistencia e congregar os recursos para a lucta, que (tudo fazia presumir) ia se deslocar, do terreno pacifico da propaganda, para o da aggressão material.

Combinada, em Ouro Preto, pela Comissão directora do partido, a organização das *Sociedades Secretas*, e fixado um código para nossas communicações, foi João Pinheiro incumbido de ir pessoalmente se entender com os directores da politica republicana nas mais importantes cidades da provincia, começando pela Matta, afim de podermos continuar a agir em commum, em qualquer emergencia que se offerecesse.

Para essa missão reservada, partiu Pinheiro nos primeiros dias de novembro.

Pelos dias 10 ou 12, appareceu, na redacção do *Movimento*, um moço, procurando João Pinheiro. Eu lhe disse que este amigo se achava ausente, e que não sabia onde. O moço me disse que havia chegado do Rio na vespera e viéra expressamente incumbido de trazer uma carta de Quintino Bocayuva a Pinheiro, tendo dado a sua palavra de honra de que a entregaria pessoalmente e que o procuraria onde estivesse, fôsse onde fôsse.

Como receiavamos de tudo, não quiz lhe revelar o paradeiro de Pinheiro, e o moço não quiz tambem confiar a carta nem a mim, que fiquei incumbido de tudo o que se referia ao partido e ao *Movimento*, nem a Francisco Barcellos, que ficou com os negocios do escriptorio de advocacia de Pinheiro.

Era uma *carta de prégo*, que o moço trazia, onde, talvez, Quintino nos puzesse a par do que occorria no Rio. Nunca pude saber-o ao certo.

De modo que ignoravamos, em Ouro Preto, tudo o que se tramava no Rio para a proxima proclamação da Republica.

A não ser a passagem daquelle emissario pela Capital Mineira, não tivemos que assignalar, na primeira quinzena de novembro, outro acontecimento que nos prendesse a attenção.

O dia 15 passára sem maior novidade; foi um dia como qualquer dos que o haviam precedido. Estive, do meio dia ás cinco da tarde, na redacção do *Movimento*, e por lá me appareceram poucas pessoas, além dos amigos de todos os dias.

O Pinheiro estava ausente, na organização dos *Clubs Secretos*, de modo que eu estava só na redacção do *Movimento*. Tivamos marcado para dezembro uma eleição provincial, a que o partido ia concorrer, na esperanza de fazer, pelo menos, vinte, dos sessenta deputados que deviam ser eleitos. As adhesões choviam de todos os lados, entusiastas, espontaneas, firmes e resolutas, para a proxima campanha eleitoral. Eu me occupei, nesse dia, quasi exclusivamente, com o serviço de adhesões: lendo a correspondencia dos co-religionarios e as folhas republicanas que nos erão enviadas; extractando dellas o que se relacionava com o

partido; seleccionando o que devia ser publicado; redigindo as noticias e commentando o que daquellas leituras devesse sel-o.

Pouco depois das cinco horas da tarde, deixei a redacção do *Movimento*, onde trabalhavam só os compositores, e fui para casa. Nada de anormal havia pelas ruas que atravessei, ruas Direita, de Tiradentes, Largo da Alegria, rua do Rosario, até a Agua Limpa, onde residia.

Às 6 horas, comecei a jantar, em companhia de minha familia e do meu irmão Aurelio Pires, que encontrei em nossa casa.

Ainda não tinhamos terminado, quando bateram á porta e eu proprio fui receber, na escada, das mãos de um dos nossos empregados da typographia do *Movimento*, um telegramma assignado por José Augusto Vinhaes, director dos *Telegraphos*, no qual se nos communicava que «O Povo, o exercito e a armada haviam proclamado a Republica». Era laconico e expressivo esse despacho telegraphico;—li-o e reli-o mais de uma vez no decurso de um minuto; e foi tal a minha emoção e alegria, que minha mulher me perguntou, assustada:

— Alguma cousa lá em casa, no Rio ?

— Não, disse-lhe eu, e accrescentei—está proclamada a Republica!

— Isso é alguma caçoada do Pinheiro, retrucou ella.

— Não pode ser, respondi-lhe. O telegramma é assignado pelo Vinhaes, como director dos *telegraphos*; e a repartição telegraphica não o transmittiria, si fosse mera brincadeira.

Nessa epocha me communicava assiduamente com o Tenente Vinhaes, porque eu era o correspondente telegraphico d' *O Paiz*, em Ouro Preto, e o Tenente Vinhaes era o encarregado da secção telegraphica na redacção daquella folha do Rio.

Não quiz terminar o jantar. Sahi immediatamente com Aurelio Pires e fomos ver o que se passava pelas ruas. Fui me encontrando, pelo caminho, com amigos ou meros conhecidos que inquiriam de mim anciosos:

— Que ha de novo ?

— A Republica proclamada, respondia-lhes laconicamente. E continuava a caminhar em direcção á rua de Tiradentes, ou de S. José, que era propriamente o centro da Cidade, da reunião de grupos e dos commentarios. Antes de lá chegar, ouvi os clarins do corpo de Policia que tocavam *promptidão* em todas as quebradas que circumdam a velha capital mineira.

Na rua de S. José, já encontrei differentes grupos formados que commentavam os acontecimentos.

— E' verdade—inqueriam de mim, quando passava pôr elles,—é verdade o que está correndo pela cidade, que o presidente da provincia recebeu telegramma do Rio, noticiando tumultos, que o exercito havia proclamado a Republica e que o Ministerio está preso ?

— Sim, é verdade,—respondia com segurança. Não sei o que o Presidente recebeu; mas eu tive telegramma noticiando a proclamação da Republica.

—Proclamação da Republica, como ? exclamavam os mais exaltados. Isso é invenção dos Republicanos! Canalias !

Serenamente, ouvi algumas dessas explosões de nossos adversarios e, sem lhes retrucar, continuava a andar, já em companhia de alguns amigos, rematando a minha prosa nesses grupos sempre com a mesma phrase, dita com segurança de quem está conhecedor de uma situação que eu presumia apenas:

— Sim; a Republica está proclamada, apoiada no exercito e na armada, que são republicanos; e o Imperador não tem elementos nem dedicações para destruir a nossa victoria.

Deixava os grupos onde se commentava de modo mais vario a minha proposição, e me dirigia para a estação telegraphica, na Rua Nova, e, depois, para a rua Direita, onde estava a redacção do *Movimento*.

Antes de lá chegar, encontrei-me com os Drs. Francisco Barcellos e Quintillano Nery, que vão á minha procura.

Erão dous correligionarios, o primeiro companheiro de escriptorio de João Pinheiro, e o segundo engenheiro que estava executando, por empreitada, o servico de aguas e exgottos de Ouro Preto. Depois de uma ligeira palestra, em que trocámos felicitações e commentarios pelos successos, o Barcellos seguiu commigo, e o Nery foi pôr de *promptidão* o seu pessoal, trabalhadores portuguezes e hespanhões, em numero de cerca de quatrocentos, para acudir a qualquer emergencia que se tornasse necessario.

Nas proximidades da redacção do *Movimento*, encontrei grande grupo formado, na sua totalidade, de correligionarios, de estudantes da Escola de Minas, da de Pharmacia, e de outros amigos.

Os *Vivas á Republica* erão ininterruptos, apesar da prohibição policial, que, havia mais de um mez, punia com severidade taes «gritos sediciosos» !

Demorei-me pouco na redacção, que deixei entregue aos cuidados de João Proença, Calógeras, Cupertino de Siqueira, Joaquim Santos, e de outros amigos que lá estavam e que conheciam onde guardavamos alguns explosivos que ali tinhamos, para o caso de um ataque á typographia. Esses rapazes, que erão quasi todos alumnos do curso superior da Escola de Minas, pernçitaram no *Movimento*.

Fui para casa, onde Domingos Porto, Henrique Renault, Francisco Alves e outros correligionarios já se achavam commentando, no meio da maior expansão e alegria, os acontecimentos do Rio, que outros telegrammas recebidos já detalhavam melhor.

Não sahi mais de casa, e lá estiveram diversos amigos até cerca de meia noite. Já sabíamos então que Deodoro era o Chefe do Governo Provisorio e os nomes de todos os Ministros; que Cezario Alvim havia sido nomeado Governador da Provincia de Minas e que Deodoro telegraphára ao Visconde de Ibituruna appellando para o seu patriotismo, afim de se conservar no Governo da Provincia até chegar o Delegado do

Governo Provisorio; que os chefes conservadores de Ouro Preto, confraternizando com os seus adversarios, os liberaes, tinham ido juntos para o Palacio do Governo insistir com o Visconde de Ibituruna, para que resistisse e não entregasse o governo da Provincia aos republicanos; que lá a discussão era acalorada e apaixonada; que os republicanos de Juiz de Fôra e de Barbacena já estavam senhores do governo local, etc.

A noite de 15 para 16 foi passada em grande anciedade. Trovejava e chovia. Diversas vezes, durante a noite, bateram á porta, para entregar telegrammas urgentes que me eram dirigidos. Por mais de uma vez, supuz que ia ser preso por ordem do governo ou atacado por algum adversario exaltado. A nossa casa ficava no bairro da Agua Limpa, que era mal illuminado por lampeões de petroleo, muito distanciados uns dos outros, e o negror da noite excitava a imaginação, para dar nascimento a essas phantasias. Quando, ao romper do dia, abri as janelas da casa, divisei o Antonio Papagaio, esgrouviado estafeta dos telegraphos, que sympathisava com a nossa propaganda republicana e que, de longe, me acenava com um feixe de telegrammas e fallava, na sua meia lingua atrapalhada, cousas que eu só pude comprehender depois que o fiz repetir com calma. Disse-me que, quando elle foi entregar ao Visconde de Ibituruna o telegramma de Deodoro, em que elle communicava a proclamação da Republica e a nomeação de Cezario Alvim para Governador da Provincia, Ibituruna exasperou-se e ameaçou de prisão o estafeta e o telegraphista, por estarem a fazer pilherias de mau gosto e perigosas, e dizia que ia telegraphar ao Barão de Capanema, director dos Telegraphos, para exonerar-os. Foi Antonio Papagaio quem o chamou á razão, retrucando que o seu chefe já não era mais Capanema e, sim, Vinhaes, por cuja ordem ali tinha ido fazer a entrega do telegramma em questão.

Papagaio contou-me diversos episodios occorridos com os personagens politicos mais em evidencia e me disse, em nome do chefe da estação telegraphica, que este recebera ordem do Director dos Telegraphos para que não entregasse nem expedisse telegrammas sem o meu visto. E' excusado dizer que declinei de exercer esta censura, recommendando, apenas, que detivesse, para nosso melhor exame, os telegrammas alarmantes que pudessem comprometter a causa das instituições nascentes.

Durante o dia, entre as numerosas visitas que tive, fui procurado pelos Srs. Antonio Carlos de Araujo Bastos Junior e Henrique da Silva Borges, agente e fiel da estação de Ouro Preto, da Estrada de Ferro de D. Pedro 2.º, hoje Central do Brasil, os quaes declararam que eram republicanos de ha muito e que vinham pôr á minha disposição os seus prestímos e os serviços do pessoal da Estrada sob suas ordens; que eu ficasse tranquillo pelo lado da Estrada, que estava por elles vigiada, inclusive o Tunnel do Tripuhy, que se dizia ia ser destruido, para impedir que chegasse

sem a Ouro Preto o Delegado e as forças que o Governo Provisorio mandasse.

O Palacio do Governo continuou cheio, no correr de todo o dia e toda a noite de 16. A entrada era franca a todos, — liberaes e conservadores, que lá iam saber dos successos, commental-os, alvitrar planos de resistencia á implantação da Republica etc. Nós mesmos destacavamos, ás vezes, alguns dos nossos, dos menos conhecidos, que penetravam no Palacio, ouviam as discussões e vinham contar-nos planos de resistencia que ali eram tramados. Em toda essa emergencia, o Sr. Visconde de Ibituruna conservou a calma, o bom senso e o equilibrio que sempre revelou na vida.

Quando os próceres da politica monarchista em Ouro Preto lhe diziam que a autoridade não tinha o direito de capitular deante do Levante de Quarteis e que lhe cumpria resistir a todo transe á Republica, não cedendo o governo ao Delegado nomeado pelo Governo Provisorio, o velho titular respondia com palavras unguidas de patriotismo e cheias de bom senso, mais ou menos nesses termos:

— «Pelo Imperador, de quem sou amigo, e pela monarchia de que sou adepto fervoroso, daria, de boa vontade, tudo o que me resta de energia e dedicacão e até a propria vida; mas não se trata disso, presentemente. Que adeantaria ao Imperador e á monarchia a nossa resistencia aqui? Poderia ella livrar o velho imperante do exilio, ou contribuir para restaurar a monarchia, que não encontrou uma dedicacão, quando lhe faltou o apoio das classes armadas? A nossa acção, de longe e isolada, seria puramente platónica: ella se traduziria, apenas, pelo sacrificio de algumas vidas, — desses moços que, durante a propaganda, não hesitavam em offerecel-as á sua causa e que hoje, mais do que nunca, as dariam na hora do seu triumpho.

E eu não tomo a responsabilidade do derramamento inutil desse sangue, porque a elle seguir-se-iam a remessa, para aqui, de batalhões, mais sangue e mais desgraças, até a realizacão do que os Senhores pensam que nós podemos evitar».

Graças ao bom senso desse velho servidor da monarchia, não tivemos a lamentar aquelles males; e os intempestivos arreganhos dos improvisados conselheiros diluiram-se nos successos subsequentes, para se crystallizarem em adhesões ao novo regimen, dahi a dias.

Nós, por nossa vez, os republicanos de Ouro Preto, exultavamos de alegria, nos preparativos para a recepção do Delegado do Governo Provisorio, que os telegrammas do Rio nos diziam ser o Dr. Cezario Alvim. Da typographia do *Movimento*, fizemos sahir diversos boletins, que eram fartamente distribuidos pelas ruas, dando noticias das occurrencias do Rio e das provincias, e dos primeiros decretos e actos do Governo Provisorio.

A's 4 horas da tarde, recebi, do dr. Antonio Felício dos Santos, um telegramma, procedente do Rio, no qual elle me communicava que

seguiu para Ouro Preto, levando o Governador de Minas e perguntando se era necessário levar força, pedindo resposta urgente para a Estação de Entre Rios. Respondi que os animos estavam aparentemente calmos, sendo desnecessário vir força, si já não estivesse de marcha, e que nós ancilavamos pela chegada do Governador, para a implantação da Republica em Minas.

O dr. Felício, depois de uma longa e proveitosa excursão eleitoral pelo antigo 6.º districto de Minas, por onde o partido republicano havia apresentado sua candidatura, regressára para o Rio no dia 14. Foi meu hospede, em Ouro Preto, de 13 para 14 de novembro, e eu lhe expuz toda a situação de nosso partido, inclusive a ausencia do Pinheiro, na organização secreta dos nossos Clubs.

De modo que o dr. Felício assistiu á proclamação da Republica no Rio, teve ensejo de falar aos membros do Governo Provisorio e de esclarecer a situação de Ouro Preto; e como o dr. Cezario Alvim não tivesse telegraphado communicando haver-se empossado do governo, o dr. Aristides Lobo, Ministro do Interior, encarregou ao dr. Felício de ser portador de um officio para mim, mandando que eu assumisse, immediatamente, o governo, caso o dr. Alvim não o tivesse feito ainda. Este officio, provavelmente, teria sido mandado a João Pinheiro, si elle não se achasse, na época, ausente de Ouro Preto, como foi dito.

Delle foi portador o dr. Felício, que viajou para Ouro Preto em trem especial, na noite de 16 para 17, trazendo em sua companhia o dr. Aristides Mala, activo propagandista da Republica e deputado republicano na Assembléa Provincial de Minas.

Tendo noticiado, em boletim, a chegada do Governador para a manhã de 17, fizemos os preparativos para recebê-lo, certos de que era o dr. Cezario Alvim que chegaria. Encomendámos um almoço para lhe ser offerecido no Hotel Martinelli, que era o melhor de Ouro Preto; comprámos todos os foguetes e bombas de dynamite que havia em Ouro Preto; preparámos pessoal de absoluta confiança, para se incumbir de atacal-os, dos morros que circumdavam a Estação da Estrada de Ferro; convidámos os nossos correligionarios, alumnos da Escola de Minas e da de Pharmacia, para, incorporados, irem, com seus respectivos estandartes, receber o governador na estação e armámo-nos todos para resistir a qualquer aggressão ou ataque que, constava, seria feito aos republicanos e ao Governador, por occasião de sua chegada.

Pela noite, os animos não se achavam calmos; havia movimento desusado nas ruas; esvoaçavam pela cidade boatos, ameaças e entusiasmos; nos grupos commentavam-se, com calor e diversamente, os acontecimentos; o corpo de policia continuava em rigorosa promptidão; não havia em Ouro Preto nenhuma força de linha, porque, pouco antes e por motivos politicos, havia sido de lá retirado o 9.º batalhão de Cavalaria, deixando, apenas, o tenente Espindola e o Alferes Benevenuto Magalhães, que ficaram, por doentes.

Os republicanos que representavam minoria no seio da população, achavam-se, porém, aparelhados para o caso de qualquer conflicto, que não provocariam, aliás, em nenhuma hypothese.

De modo que, para mim, foram de grande trabalho e de cansaço o dia e a noite de 16. Recolhi-me á casa tarde, porque estive grande parte da noite na redacção do «Movimento», combinando e preparando o que fosse necessário para a solemne recepção do Governador, que esperavamos ás 7 horas da manhã do dia 17.

O dia 17 era domingo. A manhã estava radiante de sol; as montanhas se destacavam azues na atmosphera diaphana, que envolvia a velha capital mineira; o Itacolomy emergia do fundo, descoberto, sem uma nuvem a empanar-lhe o vulto, e dominava o panorama, como que desejoso de assistir ao epilogo do grande drama que começára a desenrolar-se a seus pés, em Villa Rica, um seculo antes, e de que elle fôra testemunha, desde o primordio.

Antes das 7 horas, estavamos a postos:—na plataforma da estação, nos achavamos, os directores do partido e da imprensa republicana e quasi todos os correligionarios de Ouro Preto; a parte posterior da estação estava occupada pela Escola de Minas e pela de Pharmacia, incorporadas; e nos mórros circumvisinhos achavam-se amigos de confiança para acudir a qualquer emergencia que se desse.

Havia na estação muita gente extranha ao nosso grupo; na multidão que ali se agglomerava, vimos numerosos adversarios de nosso credo, o que confirmava as nossas suspeitas de aggressão; e quasi todos os officiaes de Policia ali estavam á paisana, inclusive o Commandante, o Cel. Victoriano de Moura, espadado, alto, gordo e de oculos escuros, como sempre.

O trem só chegou ás 9 horas; quando elle apitou para annunciar a sua aproximação, saudámo-lo com colorosos e repetidos vivas á Republica, ao Governo Provisorio, ao Dr. Cezario Alvim, ao exercito e á armada. Os hurrahs que reboavam sem cessar, nas quebradas, casavam-se com o estrugir de milhares de foguetes e de bombas de dynamite, atiradas de todas as eminencias que dominam a estação.

Ao saltar do trem, o Dr. Felício dos Santos pediu silencio e leu, em voz alta, o seguinte officio, fazendo-me, em seguida, entrega do mesmo:—

«Illmo. Sr.—E' portador deste officio o dr. Antonio Felício dos Santos, que segue para ahi em uma commissão delicada.

V. S. deve saber que o dr. José Cezario de Faria Alvim foi investido de chefe politico da Provincia, pelo Governo Provisorio da Republica.

Como, porém, até esta data, não nos tenha elle communicado ter assumido as funcções de seu cargo e bem possa ser que o não tenha feito, pelo presente officio fica V. S. nomeado, provisoriamente, enquanto não se expede o competente decreto, para

substituir aquelle digno cidadão nas funcções que, como primeiro director politico, lhe cumpria exercitar.

Assim, pois, caso se verifique a prevista hypothese, V. S. assumirá, immediatamente, a direcção dessa Provincia e o seu governo.

Nesta data, expede o Ministerio da Guerra ordens ao commandante da força de linha ali estacionada para que faça recolher a essa capital todos os contingentes esparços da mesma força, afim de ficarem sob as ordens de V. S.—Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1889—Ilmo. Sr. dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires—(assignado) Aristides da Silveira Lobo».

A leitura desse officio foi uma grande surpresa para mim e para todos os que ali nos achavamos. Finda a mesma, ouviram-se mais vivas e aclamações, enquanto eu recebia abraços de congratulações do povo que enchia literalmente a plataforma da estação. O Coronel Victoriano Moura, commandante da Policia, rompendo a multidão, foi ao local onde eu me achava e, depois de pedir-me licença, carregou-me e atravessou commigo a estação, indo ao local onde estavam postados, em fila dupla, os nossos correligionarios, alumnos da Escola de Minas e da de Pharmacia. Suspeitei, a principio, que o cel. Moura me houvesse prendido e pensei em reagir, mas cobrei immediatamente a calma, que tão necessaria se tornava naquella hora, e esperei o desfêcho dos acontecimentos. Com grande surpresa, vi, então, que o cel. Moura me erguia sobre a multidão, exclamando:—

—Meus senhores, viva o Governador da Provincia, aqui presente! Viva o senhor Governador da Provincia!

E continuou a levantar os mesmos vivas, até ser ouvido por todos e ser por todos correspondido.

Eu, então, lhe agradei a adhesão do corpo de policia á causa das novas instituições.

—Não posso hoje fallar pelo corpo de policia, replicou elle. Aqui estou ás suas ordens e commigo alguns outros officiaes dessa policia.

Agradei-lhes, a todos, a sua adhesão á nossa causa e lhes pedi que se conservassem ao meu lado.

Pouco depois, puzemo-nos todos a caminho, em direcção ao Palacio Presidencial, para dar cumprimento ás ordens do Governo Provisorio; e esse trajecto foi feito no meio das mais entusiasticas aclamações e a pé, pois não havia, em Ouro Preto, outro genero de locomoção. Pelas ruas em que passavamos, eramos recebidos com vivas, ás vezes com palmas, e, de algumas janellas, atiraram flôres sobre o préstito.

Chegámos á Praça da Independencia pouco antes das 10 horas; e já o nosso grupo era muito grande, por se terem a elle aggregado muitas pessoas que aguardavam os successos de nosso trajecto.

Ao chegarmos á Praça, no meio sempre de vivas e aclamações, divizámos as janellas do Palacio Presidencial pejudas de gente que pa-

recia nos aguardar ali. Um dos nossos amigos, que vinha daquella direcção, chegou-se a mim e me disse, á meia voz:—

—«E' uma imprudencia vocês irem agora ao Palacio. Os animos por lá estão exaltados: e, provavelmente, o pessoal que lá está não lhes deixará entrar.»

E' mais conveniente dispersarmo-nos aqui e irmos, depois do almoço, nos entender com o Presidente, porque, até lá, é possível que essa excitação se acalme.»

Não quíz aceitar esse conselho, porque julgava que era urgente implantar-se a Republica em Minas; não queria que, por uma hesitação minha, isso se demorasse um minuto mais do que devia.

Resolvemos fazer uma volta em torno da columna ali erecta em memoria de Tiradentes, como homenagem ao ideal dos Inconfidentes agora realizado; e o Dr. Felicio dos Santos fez parar o préstito por alguns minutos, assignalando aquella homenagem, em bellas e entusiasticas phrases, que fizeram brotar em todos os peitos um espontaneo e entusiastico:

—Viva a memoria dos primeiros martyres da Republica no Brasil!

Quando passámos pela frente do edificio da cadeia, o cel.—Moura deu uma ordem a um dos officiaes de policia á paisana, que se achavam a nosso lado; este foi ter até o corpo da guarda e, immediatamente, formou-se em continencia o contingente de policia ali postado, e o clarim tocou a marcha batida.

Foi a primeira homenagem official, prestada na capital mineira, ao representante do governo revolucionario.

Seguimos, depois, para o Palacio, tomando a direcção da porta principal, que dá para a Praça, e resolvimos a penetrar ali por qualquer fórma. Fomos detidos por alguns minutos, quando subiamos a rampa, por um discurso de saudação de Zoroastro Pires, o qual me offereceu uma pequena caneta, com pena de ouro, para assignar os primeiros actos republicanos em Minas.

Ao enfrentarmos o portão largo, onde havia guarda dobrada, que hesitava em nos permittir a entrada, o Cel. Moura, que ainda não tinha sido visto pelos soldados, bradou-lhes com voz clara e emocionada:

—Camaradas, prestem continencia ao Sr. Governador da Provincia!

Os soldados apresentaram armas, e eu transpuz o largo portão e, commigo, todo o grande grupo que me acompanhava. Ao penetrarmos no pateo do Palacio, ouvimos rumores de passos apressados, que pareciam de pessoas que haviam abandonado as janellas e se dirigiam para as escadas. Retardámos um pouco os nossos passos, afim de encontrá-las antes da subida, quando avistámos o vulto respeitavel e sobranceiro do dr. Visconde de Ibituruna, que vinha ao nosso encontro, cercado de diversos amigos e tendo ao lado o seu Secretario, Dr. Benjamin Aroeira.

Quando nos defrontámos, saudei ao Sr. Visconde e entreguei-lhe o officio do Dr. Aristides Lobo, pedindo que o lêsse e tomasse na devida consideração. Até então, nunca havia eu trocado uma palavra com o Visconde de Ibituruna.

Fomos então convidados a entrar; subindo as escadas em companhia do velho Presidente e de seus amigos, fomos ter ao grande salão nobre, que ficou litteralmente cheio, não cessando, no meio da multidão que entrava, os vivas e as aclamações, que não se tinham, até então, emudecido, desde a estação da estrada de ferro.

O Sr. Visconde de Ibituruna convidou-me, em seguida, e a alguns de seus amigos, para acompanhá-lo ao seu gabinete de trabalho, que ficava contíguo ao salão, no qual o povo continuava a victoriar a Republica, a Deodoro, ao Governo Provisorio, ao exercito, á armada e a Minas Geraes, e allí leu, em voz baixa, o officio que eu lhe entregára e, escreveu, no tópo do mesmo, o seguinte :

«Em cumprimento do presente officio, entregarei o Governo desta Provincia ao Ilmo. Snr. Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires.—Ouro Preto, 17 de Novembro de 1889.—Dr. Visconde de Ibituruna.»

Depois disso, o velho Presidente leu de novo e em voz alta, para seus amigos ali reunidos, o officio e o despacho e me fez entrega do mesmo.

Seguiu-se uma ligeira palestra, de alguns minutos, sobre os acontecimentos do dia e sobre medidas administrativas em andamento, dizendo-me o Snr. Visconde de Ibituruna que, apesar de monarchista e de amigo do Imperador e do Presidente do Conselho decahido, elle era mineiro, muito mais velho do que eu e, portanto, julgava-se no direito de dar-me alguns conselhos. Fallou-me sobre o inconveniente de conservar em Ouro Preto força de linha com força de policia, depois dos lamentaveis acontecimentos, pouco antes occorridos e que determinaram a retirada precipitada do 9.º de Cavallaria, da Capital Mineira. Tranquillizei-o sobre este ponto, asseverando que ia sustar a vinda do batalhão de S. João del Rey para Ouro Preto, porque me sentia de tal forma no seio da população ouro-pretana, onde havia vivido desde menino, que não necessitava de soldados de linha para me garantirem ali. Pedi ao Dr. Benjamin Aroeira que continuasse como meu Secretario, afim de haver continuidade nas medidas administrativas iniciadas. O Dr. Aroeira objectou-me que não podia aceitar o meu convite, porque nunca havia militado nas fileiras republicanas. Eu lhe disse que isso não era razão, pois não se tratava da queda do partido a que elle servira, mas de instituições que não voltariam; apellei para o seu patriotismo, para a nossa amizade desde a infancia e, finalmente, solicitei a intervenção do Sr. Visconde de Ibituruna para vencer os escrúpulos do Dr. Aroeira, afim de não haver quebra notavel entre a administração que terminava e a que se iniciava. As palavras do venerando mineiro fizeram com que o Dr. Aroeira accitasse o meu convite.

Declarei ao Sr. Visconde de Ibituruna que S.ª Ex. poderia permanecer no Palacio o tempo que quizesse, visto ser minha intenção não transferir para ali a minha residencia e puz a sua disposição um carro especial para quando tivesse de se retirar de Ouro Preto, o que S. Ex. me declarou que seria nesse mesmo dia, á tarde.

Despedimo-nos em seguida, e eu fui para o compartimento onde funcionava a Secretaria do Governo, de onde transmetti telegrammas ao commandante do batalhão estacionado em S. João del Rey, sustando a sua marcha para Ouro Preto, e a todas as autoridades judicias e administrativas da Provincia, communicando que havia assumido o governo e recommendando que velassem pela ordem publica e solicitassem as providencias necessarias para abafar qualquer tumulto que a mudança de instituições pudesse occasionar.

Tendo encontrado pedido de exoneração de todos os chefes de serviço provinciaes, respondi-lhes communicando a minha posse e insistindo para permanecermos em seus postos, appellando para o seu patriotismo, afim de me auxiliarem nos primeiros dias do novo governo, si não pela causa da Republica, que estava feita, ao menos pela do bem publico, que todos deviamos servir.

Nomeei chefe de policia o Dr. Aristides Maia, que começou immediatamente a agir no sentido de garantir a ordem publica, lavrei as nomeações do Dr. Benjamin Aroeira para Secretario do Governo e do Tenente Espinola para ajudante de ordens. Mandei aquartellar, no quartel de linha, que estava desoccupado, os rapazes da Escola de Minas e da de Pharmacia e outros moços partidarios das novas instituições que se apresentaram para formarem a «guarda civica da Republica».

Dadas essas primeiras providencias, fomos almoçar no Hotel Martinnelli, onde foram feitos numerosos discursos, congratulações e saudações reciprocas, tendo fallado o Dr. Felicio, o Dr. Aristides Maia, o Sr. Luiz Orsini e alguns correligionarios que haviam tomado o trem especial nas estações intermediarias.

Quando regresssei ao Palacio, encontrei-o cheio de amigos de diversos credos politicos e numerosos telegrammas de muitos pontos do Estado, communicando o modo festivo como haviam sido recebidas as noticias da proclamação da Republica e do estabelecimento do novo governo em Minas.

De alguns pontos noticiavam receios de ataques da *guarda negra* aos republicanos e pediam providencias; e nós aproveitámos a oportunidade para distribuir por essas localidades o corpo de policia, que continuava aquartellado e de promptidão.

Suppria-o, no policiamento da Capital e, principalmente, na guarda dos edificios e das repartições publicas, a guarda civica, dos moços republicanos, á qual foram distribuidas carabinas Comblain, com as respectivas munições, que era o melhor armamento então existente na provincia.

O resto do dia passámos em Palacio, recebendo felicitações, telegrammas e adhesões de toda parte onde chegavam noticias dos acontecimentos.

A tarde, o Sr. Visconde de Ibituruna retirou-se para o pequeno Hotel Carvalho, proximo á Estação da Estrada de Ferro, afim de tomar o trem que devia partir pouco depois das quatro horas. Ali recebeu elle cumprimentos e despedidas de seus amigos, tendo sido acompanhado até a Estação de Rodrigo Silva por alguns daquelles e por uma commissão composta do meu Secretario, do chefe de Policia, do meu ajudante de ordens e outros cidadãos que nomeei expressamente para isso.

Permanecemos em Palacio até tarde da noite, expedindo ordens providencias, recebendo e respondendo telegrammas, attendendo a numerosas pessoas; e nos achavamos de tal modo confraternizados, que ninguem suspeitaria, si o não soubesse, de mudança tão radical nas instituições vigentes.

Entreguei, nessa occasião, ao dr. Diogo de Vasconcellos, que era o redactor d'*União*, organ que publicava os actos officiaes do governo, não só telegrammas, como diversas noticias e um manifesto que dirigi aos mineiros, os quaes foram publicados n'*O Estado de Minas*, organ que substituiu á *A União*, e cujo primeiro numero sahio a 20 de novembro.

O manifesto dizia assim :

«Cidadãos!

Resurge a nação victoriosa da lucta secular pelo triumpho das instituições democraticas.

O povo brasileiro, no exercicio solemne dos direitos da soberania nacional, congraçado no pensamento da reconstrucção da Patria sob o regimen da liberdade, vem de sellar, com o cunho de sua adhesão espontanea, o grandioso movimento operado a 15 de novembro de 1889.

A Republica Federativa dos Estados Unidos do Brasil está proclamada!

Sob a bandeira da Republica, passaram para o dominio da Historia os velhos partidos e, acclamando o renascimento da consciencia nacional, — os brasileiros se grupam em torno do altar da Patria, defendendo, com a fé inabalavel de sua confiança no governo instituido, o pensamento democratico que dormitava no seu seio.

Nesta phase de organização, é necessario, para o complemento do grande acto popular, que se congreguem todos os cidadãos, para a consolidação do regimen de liberdade que é o symbolo da paz e da confraternização nacional.

Esta provincia, que é hoje o Estado de Minas Geraes, se orgulha de contemplar, após um seculo de luctas indcfessas pela causa democratica, a glorificação de seus filhos martyres do despotismo monarchico da casa de Bragança, erguendo, ao lado do

patibulo de Joaquim José da Silva Xavier, o throno onde se assenta a Magestade popular da Patria Brasileira.

O regimen federal vae emancipar as velhas provincias, ligando-as solidariamente na Patria Unida, grande e cheia de confiança nos destinos auspiciosos que se rasgam no horizonte do futuro.

O Governo Provisorio acclamado saberá manter firme este regimen.

Sem odios, sem vinganças, sem outra aspiração que não seja o respeito pela legitima manifestação dos direitos de cada um, fará justiça, inoculando no espirito publico o sentimento que domina a nação, galardoando o merecimento real e mantendo, inalteravel, o patrimonio santo de todos os direitos adquiridos em face da lei.

Cidadãos! o progresso, em todas as suas manifestações da vida moderna, e a civilização, fructo do trabalho de nossos paes, nos impõem um dever sacratissimo — a união de todos os mineiros para a sua realização, nesse novo periodo que se lhe abre, tão cheio de esperanças.

Unamo-nos, portanto, em nome da Patria, confraternizada.

Viva a Republica Federativa dos Estados Unidos do Brasil.

Viva o Estado de Minas Geraes!

Viva o Governo Provisorio!

Viva o Exercito!

Viva a Armada!

Antonio Olyntho dos Santos Pires, governador interino do Estado de Minas Geraes»

Regressel para minha casa, depois da meia noite, tendo sido acompanhado pelo commandate de policia e por diversos amigos. Lá encontrei uma força de policia commandada por um official, guardando a minha residencia, o que immediatamente despensei.

No dia 18, pela manhã, foi-me buscar em casa o cel. Victoriano Moura, e acompanhou-me até o Palácio, para onde fomos, a cavallo.

A cidade tinha o seu aspecto normal.

Ceguei ao Palacio ás 8 horas da manhã e já encontrei algumas pessoas á minha espera. Entre ellas, achava-se o sr. Barão de Sarameña, chefe liberal prestigioso, proprietario do organo do partido na imprensa, capitalista e presidente da Camara Municipal. Communicou-me elle que havia convocado, para aquelle dia, uma sessão extraordinaria da Camara, afim de me dar posse do governo, como era de praxe; e bem assim, que convocára a população para dar solemidade áquella sessão, e, depois, acclamarem-me Governador da Provincia, como facultava o dec. n. 1 do Governo Provisorio.

Respondi-lhe que a posse do governo, dada pelo Camara, era uma formalidade dispensavel, visto eu já haver exercido actos de Governo, como delegado, que era, de um governo revolucionario, o qual tinha aba-

tido pela base as instituições até então vigentes e, como taes, todas as auctoridades por estas constituídas.

Entretanto, em homenagem áquella corporação popular, eu acquiescia, de boa vontade, em ir á sessão solemne da Camara, como si tivesse de ser por esta empossado do governo de facto, que eu já exercia desde a vespera.

Era meu intuito, com isto, constatar a adhesão da Camara ás instituições republicanas, desde que ella se reunia, espontaneamente, para dar pòsse do Governo da Provincia ao delegado do Governo Provisorio da Republica. Declarei, pois, ao sr. Barão de Saramenha que iria á sessão da Camara; mas declarei, tambem, que não podia permittir a acclamação do Governador do Provincia, que ella pretendia fazer, porque já havia sido, para esse cargo, designado o dr. Cezario Alvim, pelo Governo Provisorio, de que era eu o delegado naquelle momento, e cujas resoluções eu faria respeitar por todos os meios ao meu alcance. Muito embora me ponderasse o sr. Barão que aquillo era o exercicio de um direito permittido pelo primeiro decreto do Governo Provisorio e uma demonstração de apreço á minha pessoa e ao acto do mesmo Governo que me havia designado para iniciar, em Minas, as novas instituições, eu declarei, peremptoriamente, que não poderia permittir essa acclamação, que seria um acto sedicioso, deante da nomeação já feita pelo Governo.

A acclamação do Governador poderia ser respeitada, si ella houvesse sido feita no acto de ser conhecida em Ouro Preto a noticia da proclamação da Republica ou do alludido decreto do Governo Provisorio; naquelle momento ella era tardia e extemporanea, mórmente de pois de fracassada a tentativa para se impedir a transmissão do governo ao delegado republicano, primeiramente designado. Deante dessa minha attitude resoluta, não se falou mais em acclamação do Governador.

Apenas se retirou o Sr. Barão de Saramenha, dirigi á Camara Municipal da Capital Mineira o seguinte officio:

«Palacio do Governo do Estado de Minas Geraes. Ouro Preto, 18 de Novembro de 1889.

Senhores Presidente e mais Vereadores da Camara Municipal de Ouro Preto.

Communico, para vosso conhecimento e devida intelligencia, que hontem, em virtude da nomeação que me foi conferida pelo Governo Provisorio da Republica Federativa Brasileira, constante do officio do Ministro do Interior, de 16 do corrente mez, assumi o exercicio de Governador interino deste Estado. Appellando para o patriotismo dessa Camara e de seus municipes, espero que auxiliarão o Governo com lealdade e dedicação á causa publica. Saude e Fraternidade. Antonio Olyntho dos Santos Pires».

Pouco depois, recebi da Camara a seguinte resposta:

«Paço da Camara Municipal de Ouro Preto, 18 de Novembro de 1889.

Ao Illustre Cidadão Antonio Olyntho dos Santos Pires.

A Camara Municipal de Ouro Preto, reunida em sessão extraordinaria, acaba de receber o officio em que lhe communicaes que, em data de hontem, assumistes o exercicio interino de governador deste Estado por nomeação conferida pelo governo provisorio da Republica Federativa Brasileira. Congratulando-se convosco, com os municipes e os demais habitantes das circumscripções mineiras, por essa escolha, que lão solememente affirma a vossa benemerencia, reconhecida e proclamada unanimemente por todos os nossos concidadãos, a Camara convida-vos a vir prestar perante ella o vosso juramento.

No vosso distincto patriotismo, põe a Camara a mais anciosa esperanza de que, quanto em vós couber, haveis de manter desveladamente a paz publica em todo o vasto territorio mineiro, promovendo, ao mesmo tempo, o bem commum, em todas as relações de nossa vida social, que ora se inicia. Saude e fraternidade.

Barão de Saramenha.»

Da sessão extraordinaria, convocada pelo presidente da Camara Municipal de Ouro Preto para me dar posse do governo do Estado, lavrou-se a seguinte acta:

«Aos dezoito dias do mez de Novembro de mil oitocentos e oitenta e nove, reunida, em sessão extraordinaria, no Paço Municipal, a respectiva Camara, foi lido o officio, da mesma data, em que o illustre cidadão Doutor Antonio Olyntho dos Santos Pires communicou-lhe haver, na vespera, assumido o exercicio de governador interino deste Estado, por nomeação conferida pelo Governo Provisorio da Republica Federativa Brasileira, pelo que delliberou a mesma Camara convidal-o a vir prestar, perante ella, o seu juramento. Pouco depois, comparecendo o mesmo Illustre Cidadão, proferiu, sobre o livro dos Santos Evangelhos, o juramento do teor seguinte:—*João promover e desenvolver o progresso do Estado, respeitar em todas as circumstancias a liberdade e reconhecer sempre os direitos e as soberania do povo.* E, para constar, lavrou-se este termo. Eu, Francisco Julio Henrique Malard, servindo de Secretario interino, o subscrevi.

Antonio Olyntho dos Santos Pires—Governador interino do Estado de Minas.

Barão de Saramenha, presidente da Camara.

Joaquim Cypriano Ribeiro, vereador.

Antonio Pereira de Faria, vereador.

Antonio José de Sousa, vereador.

Jacinto Dias Coelho, vereador.

Claudino Pereira da Fonseca, vereador.
 Manoel Pires de Figueiredo Camargo, vereador.
 Severo Barbosa de Oliveira, vereador.
 Dr. Francisco de Paula Ferreira Velloso, vereador.
 Joaquim Lourenço Machado, vereador.
 Seraphim Francisco Gonçalves, vereador.
 Aristides de Araujo Maia, chefe de policia interior.
 Benjamin Aroeira.
 José Victorino de Oliveira Moura.
 Francisco Neves.
 Antonio Augusto Celso Nogueira, Promotor Publico da Comarca de Ouro Preto.
 Benjamin de Miranda Lima.
 Eduardo Machado de Castro.
 Dr. Atabalipa Americano Franco, 1.º Cirurgião.
 João Dias de Freitas.
 José Fernandes de Miranda Junior.
 Trajano Procopio de Almeida Monteiro.
 Joaquim M. de Oliveira Rocha.
 Josephat Bello.
 J. Antonio de Almeida.
 João Victor da Cunha.
 Horacio R. Meirelles.
 Antonio Dias de Paula.
 Manoel Teixeira de Sousa Monteiro.
 Osorio R. Meirelles.
 Antonio Ferreira da Costa.
 Samuel da Silva Caldas.
 Antonio Aggripino.
 Augusto M. da Costa Lima.
 Benicio Marcondes.
 Dr. Henrique de Freitas Araujo, 2.º Cirurgião do Exercito.
 José Coelho Linhares.
 Antonio Cesario de Lima.
 Americo Vespucio Ribeiro e Sousa.
 Carlos Prates.
 José Cupertino de Siqueira.
 Theotonio Gonçalves Pereira e Silva.
 Olympio Camillo de Assis.
 João Cancio de Azevedo Sampaio.
 Manoel Ozzori.
 Henrique de Paula Castro.
 Dr. Sizinio Ribeiro Pontes.
 Venancio Saturnino Gonçalves Mól.
 Miguel Muzzi de Abreu.

Miguel Ruas.
 José Felipe de Freitas Castro.
 Pharmaceutico José Rodrigues de Assis Valle.
 Lazaro Hydalgo R. de Oliveira.
 Jorge Pedro Lopes.
 Affonso Alves Branco.
 Nicanor Pamphiro.
 Fernando Scotti.
 Lafayette Araujo.
 Antonio Juvencio Balbino.
 Francisco L. de Oliveira Penteado.
 João Pedro Queiroga.
 Luiz Fernandes Ramôa.
 Eloy Prado.
 José Antonio de Sousa Pimentel.
 João Souto.
 Antonio Vianna Welerson.
 Epaminondas Franco.
 Bibiano José Teixeira Ruas—Capitão Reformado do Exercito.
 Luiz Peixoto de Mello—(Te. Honorario).
 Manoel José Netto.
 Manoel Ignacio da Motta Pacheco.
 Modestino Elisario de Arnide (praticante do correio).
 José Felicissimo de Paula Xavier (Official de Fazenda).
 Stephano de Oliveira.
 Raymundo Fernandes Monteiro, Tenente do Batalhão 29 de Infantaria do Exercito.
 Augusto Pantaleão.
 João Baptista Ferreira Velloso.
 Rodrigo José de Figueiredo Murta.
 Orozinho José das Neves.
 Desembargador Aurelio A. P. Figueiredo Camargo.
 Henrique Pereira de Mello Vianna.
 Aurelio Rodrigues de Salles.
 Alfredo Teixeira Baeta Neves.
 João Gogliano.
 Alexandre Arthur Pereira da Fonseca.
 José Candido Bandeira da Rocha.
 Arthur Luz.
 Joaquim Machado de Mello.
 Carlos Ferreira da Rocha.
 Ernesto A. da Gama Cerqueira.
 Antonio Martins da Silva.
 Arthur Martins Torres.
 Zoroastro Pires.

Severo Barbosa de Oliveira Jr. (Fiscal da Camara)
 Ernesto Epaminondas de Castro.
 João Baptista de Sousa Coutinho (3.º Official dos Correios).
 Aurelio Pires.
 João Antonio Duarte (1.º Official da Secretaria do Governo).
 Pedro Gomes Vieira Ferreira.
 Adolpho Julio Timburibá.
 Dr. Virginio Rolemberg Bhering
 Oscar Augusto da Silva Bessa, official da Fazenda
 João José Alves de Resende (Tenente honorario)
 João Pandiá Calogeras
 Marciano Pereira Ribeiro
 Joaquim de Souza Vieira
 Eduardo Sanches
 Raul de Oliveira
 Pedro Augusto Tassara de Padua.

Terminada a sessão solemne com que a Camara Municipal me deu posse de um Governo que eu já exercia de facto, havia mais de 24 horas, agradei aquelle acto de adhesão da Camara da Capital da Provincia e assisti em seguida á organização regular da guarda cívica, feita na Praça da Independencia, onde se inscreveram, como soldados, os republicanos ali presentes, em livro especial, collocado ao lado da columna commemorativa de Tiradentes; depois pronunciaram inflamados discursos João Pinheiro, que havia chegado naquelle momento, e Aristides Maia, o qual terminou a sua formosa oração com essas palavras memoraveis, lembrando a acção do exercito na proclamação da Republica:

«Desde que o soldado se tinha feito cidadão, não era demais que o cidadão tambem se fizesse soldado!»

Retirei-me, em seguida, para o Palacio, onde, como na vespera, estive vigiando, expedindo ordens e dando providencias, recebendo e transmittindo telegrammas e agradecendo as adhesões á Republica, de individuos e de corporações, que, a todo momento, chegavam, ou pessoalmente, ou por officios, cartas e telegrammas.

A guarda cívica recolheu-se ao quartel de linha, que ficava proximo ao Palacio; acclamou seu commandante ao alferes do exercito Benvenuto Magalhães e se atirou a exercicio de manobras, que se seguiram ininterruptamente, até depois da chegada do dr. Cezario Alvim, que a dissolveu.

Os dias subsequentes foram, como era natural, cheios de trabalho e de apprehensões; mas tivemos a felicidade de transpor-os sem a menor alteração da ordem e no meio de congratulações e de adhesões successivas á nova ordem de cousas.

Logo que os affazeres o permittiram, visitei todas as repartições publicas, para agradecer aos respectivos chefes haverem acquiescido ao meu pedido, de permanecerem á testa de seus serviços, e aos funciona-

rios a sua adhesão á causa republicana. Em todas as repartições, foram lavradas actas de minha visita, mais ou menos, como esta, da Directoria da Fazenda:

«Aos dezanove dias do mez de novembro de mil oitocentos e oitenta e nove, compareceu, em visita a esta repartição, o primeiro Governador do Estado Mineiro, dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, investido de semelhante cargo pelo Governo Provisorio, organizado na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, no dia quinze do mesmo mez, — a mais memoravel de todas as datas para o predestinado povo brasileiro, pelo triumpho incomparavel da democracia, que surgiu pujante e redemptora entre flores e applausos geraes, ao inverso de todos os paizes do mundo, onde o seu apparecimento e definitivo imperio tem custado rios de sangue e martyrios dolorosos. Para constar, eu, José Felicissimo de Paula Xavier, 2.º official, de ordem do director, cidadão Serafim Francisco Gonçalves, lavro o presente termo n'este livro, que, d'ora em diante, servirá para o registro das visitas de honra feitas a esta repartição. — Antonio Olyntho dos Santos Pires, governador interino. — Aristides de Araujo Maia, chefe de policia interino.

José Victoriano de Oliveira Moura. — Capitão Bibiano José Teixeira Ruas. — João Barbosa Espindola. — Bento Antonio Romeiro Veredas. — Serafim Francisco Gonçalves. — Joaquim Cypriano Ribeiro. — Jucundino J. Santiago. — Zoroastro Pires. — Carlos Meirelles. — Affonso Moreira da Silva. — Galdino Augusto da Luz. — Antonio Rodrigues de Barcellos. — José Jacintho de Azevedo Baeta. — José Bernardes de P. Aroeira. — Affonso José de Oliveira. — José Rodrigues Pombo. — Augusto Coutinho. — Antonio Nicolau Tolentino de Paula Felicissimo. — Berardo Augusto da Rocha Nunan. — Vicente de Souza Neves. — Arthur Rosemberg. — Aurelio Pires. — Avelino Francisco Maximo de Jesus. — Francisco de Paula Barcellos. — Eloy Prado. — Antonio Carlos Felicissimo. — Antonio Bandeira. — Joaquim Emygdio da Rocha Couto. — Oscar Augusto da Silva Bessa. — Joaquim Teixeira de Souza. — Ernesto Augusto de Oliveira. — Carlos Joaquim da Silva. — Euzebio Carlos de Coura. — Agostinho Gonçalves Pereira. — Ovidio Saraiva Fidelis. — Ezequiel Bandeira. — Roberto Ferreira Constantino. — Alberto Dias dos Santos. — Miguel Archanjo Teixeira Ruas. — Conrado Ribeiro de Araujo. — Candido Eloy Tassara de Padua. — Antonio Pereira Soares. — José da Costa Lima. — Florencio dos Santos Godinho. — Hippolyto Fernandes Braga. — Galdino Lopes de Oliveira. — Custodio Vieira de Britto. — José Felicissimo de Paula Xavier».

O unico chefe de serviço que o abandonou de vez e não quiz attender ao meu pedido de permanecer no seu posto, em sua repartição, foi o dr. João Qualberto, que exercia o cargo de administrador dos Correios.

E assim se passaram os dias, sem grande alteração dos anteriormente descriptos, até que chegou a Ouro Preto o sr. Governador effectivo, dr. José Cezario de Faria Alvim.

Sua recepção foi festiva, na tarde radiosa de 25 de novembro. Aguardava-o, na Estação, uma multidão compacta, onde estavam representadas todas as classes sociais; a guarda civica prestou-lhe as devidas continências, com garbo e enthusiasmo.

E o dr. Cezario Alvim recebeu o governo no meio da mais completa calma, como si nada de anormal houvesse occorrido por Minas e pelo Brasil.

Tres dias depois de haver assumido o governo, dirigiu elle, ao povo mineiro, o seguinte manifesto:

MANIFESTO AOS MINEIROS

Mineiros! Meus prezados concidadãos!

Quando, na memoravel e solemníssima sessão da camara temporaria de 11 de junho do corrente anno, eu recebi o infeliz e ultimo gabinete da monarchia com a profissão de fé francamente republicana, estava muito longe das minhas cogitações a idéa de que, em prazo tão breve, viesse a ser chamado, como ajudante de mestre de obras, ao theatro dos desmoronamentos, para esse exame perigoso e tremendo de escombros que ainda se desconjunctam, e sob os quaes ficaremos, todos os companheiros da arriscadissima jornada, inevitavelmente, sepultados, si os reflexos da nossa lampada guiadora alluminarem outro lemma do nosso escudo que não seja:—tudo pela patria! caminho á tolerancia, á abnegação pessoal, á fraternidade e á justiça!

Os acontecimentos de 15 deste mez, que ainda estamos a fixar no espirito, e cuja realidade tememos que se esvaia qual fôra um bom sonho em alma attribulada, encontraram-me virtualmente entregue aos trabalhos agricolas, que amo com paixão.

Só um dever imperioso, qual o que sou chamado a cumprir, me arrancaria para o tumultuar das paixões, do saudosissimo canto de terra que foi sempre a minha força em politica; porque sendo a sua paz e manuseamento o meu supremo bem, nenhuma posição social, fôra delle, seduziu-me jámais, ao ponto de sacrificar, para alcançal-a, o que eu entendia ser justo, nobre, digno.

Eu havia renunciado, temporariamente, ao menos, a vida publica, no que ella tinha de aparentemente proveitosa para

mim, não por egoismo ou desalento, mas para, com o que chamavam as minhas loucuras ou excetricidades, convencer, de vez, a opinião, de que eu não era um especulador, quando tomára, em 1887, por programma, com o qual fui ás urnas mineiras naquella occasião, a causa da federação, que eu acreditava compativel com a monarchia, a cujo representante, dadas as condições conhecidas de sua alma bondosa e patriótica, não repugnaría presidir a aprendizagem dos seus compatriotas para o regimen da democracia pura, que elle proprio sentia, havia dominar em toda America.

Infelizmente para si e para os seus, escaparam ao seu alto espirito, conturbado pela enfermidade, os manejos de ambições criminosas, que, ás occultas, se lhe ajustavam em derredor, para frromperem triumphantes e dominadoras, quando a obra da corrupção e da violencia tivesse de todo abatido a alma nacional.

Mal orientada antes, do que perversa, irreflectida e subjugada, talvez, pela vertigem das alturas, a politica que subverteu de subito a causa da monarchia, á qual pudera prestar os melhores serviços, attenta a capacidade dos seus representantes, viu, acredito, com as mais pungentes commoções, o resultado da sua triste imprevidencia:—machina arreventada, por tapamento quasi completo de valvulas.

Mineiros! meus prezados concidadãos!

Por precisar, hoje mais do que nunca, da vossa cordura, desinteresse e tolerancia na apreciação da politica, que de accordo pleno com o inclyto chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brasil e seus illustres auxiliares, eu vou observar, permitti-me dizer-vos o que em outras circumstancias eu não teria a indelicadeza de fazer.

A aceitação, por mim, do elevado e temeroso posto de governador deste nosso querido e importante Estado, nas condições presentes da minha vida, será, tenham por certo, a prova mais penível de todas quantas haja o destino de impôr-me ainda, como toque á pureza e resistencia de minha gratidão para convoscol

Em taes circumstancias, dai-me vós todos, meus prezados concidadãos, o alento e amparo de que tanto preciso para honrar a confiança do Governo Provisorio, manter a coherencia da minha longa e trabalhada vida publica e, o que é de mais relevancia, assegurar, com a vossa fortuna, a estabilidade do governo verdadeiramente livre nesta vastissima região dos Estados Unidos do Brasil.

Esperando o concurso de todos, leal, solícito e vigilante, uma vez que é geral, no Estado inteiro, a adhesão sincera á causa republicana, reputo-me com direito de ser mais exigente junto dos seus velhos batalhadores, meus companheiros heroicos, que, nos

maravilhosos successos de 15 de novembro, viram coroados os seus mais ardentes anhelos!

Aos que, na maior pujança do regimen imperial, batiam-se intemeratos e abnegados pela sua fé, aos que, verdadeiros Colombos do mundo que acaba de ser descoberto, só sabiam que esse mundo devia existir quando lançaram-se resolutos aos mares tempestuosos—caminho do levante, acha-se, de preferencia, confiada hoje missão mais ardua do que a que viram cumprida, graças, principalmente, ao patriotismo, devemo-nos recordar sempre, dos bravos soldados do exercito e armada nacionaes, aos quaes é força que timbremos em provar que não jogaram as suas altivas cabeças por cidadãos incapazes de bem comprehender e executar o regimen da paz, amor, fraternidade e justiça, cujo largo portico elles nos abriram!

Si está de ante-mão conjurado o perigo de uma restauração monarchica, não nos podemos ainda reputar fóra do alcance do perigo, não menos grave, qual o do enfraquecimento, pela desunião, desta grande Patria!

Dando cada Estado o exemplo de cordura entre os seus habitantes, de esforço commum e abnegação pelo adiantamento e fortuna da collectividade, conseguiremos, nesta santa emulação dentro de poucos annos, alcançar do universo o respeito e a consideração a que se impuzeram os Estados Unidos Norte-americanos, para os quaes a Providencia não foi tão prodiga em seus divinos dons!

Mineiros! meus prezados concidadãos!

A novidade da era não pôde, não deve limitar-se simplesmente á mudança de nome de seu regimen politico.

A' fórma deve corresponder a essencia.

Na instituição deposta, para cujos representantes teve o «Governo Provisorio» palavras de bizarra gentileza e actos da mais fina fidalguia, a divisa era:—tudo pelos partidos vencedores e nada pela Patria!

Quebremos esse molde fatal, se pretendemos, como é do nosso dever, evitar a maldição da historia!

Como sabeis, achavam-se sob o regimen decahido, subordinados ás conveniencias partidarias, caprichosas e varias, como é o interesse dos homens, todos os serviços da publica administração.

Na instrucção publica, viação, arrecadação das rendas, sua applicação, distribuição de justiça, emfim, em todas as manifestações ou modalidades no nosso viver social ou politico nada se fazia antes de conhecidas as influencias ás quaes aproveitasse ou prejudicasse a solução administrativa requerida.

Estudar, de preferencia, essas questões, resolvel-as ou encaminhal-as bem, no sentido exclusivo da conveniencia publica, eis a missão de que encarregou-me o Governo Provisorio e que me será gratissimo poder desempenhar; porque, concorrendo para a consolidação do regimen republicano em bases tão firmes que possam desafiar a impetuosidade de qua esquer correntes contrarias, renderei assignalado serviço ao Estado de Minas Geraes, do qual não sou um governador com poderes quasi discricionarios para fazer respeitada e temida a minha vontade, mas um filho cheio de gratidão e amor, a quem confiaram elementos sobejos para preparar a obra de sua futura grandeza!

Mineiros! meus prezados concidadãos!

Si a preocupação exclusiva do inelyto marechal chefe do Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brasil e dos honrados cidadãos do seu conselho é levantar sobre as ruínas do Imperio, que se esboroou, uma nova patria que continue a assombrar o mundo com as suas prodigiosas evoluções no caminho da liberdade e do bem, a minha é exclusivamente, tambem, ver o Estado de Minas Geraes tão eficazmente organizado pela liberdade e para a liberdade, que sejam as nossas heroicas e bemditas plagas o refugio seguro e generoso para quantos, fóra de seus limites, se vejam acossados pelo infortunio e pela oppressão!

Jose' CESARIO DE FARIA ALVIM

Ouro Preto, 28 de novembro de 1889.

A imprensa era, naquella epocha, representada, em Ouro Preto, por quatro jornaes de regular circulação por toda a provincia: — «O Liberal Mineiro», organ do partido liberal, de propriedade do Barão de Saramenha, tendo como redactor chefe o dr. Bernardo Pinto Monteiro, o qual reunia em torno de si uma pleiade de bellos talentos de que era rico o partido na velha capital mineira.—«A Provincia de Minas», organ conservador, brilhantemente redigido por José Pedro Xavier da Veiga e que gozava de incontestavel prestigio no seio do mesmo partido.

«A União», antigo organ conservador, que se tornou neutro por ter o contracto para a publicação de actos officiaes, que conservou, mesmo durante a situação liberal, de junho a novembro e, depois, sob o governo republicano; era de propriedade do Commendador Francisco de Paula Castro.

Finalmente, «O Movimento», organ do partido republicano, creado pelo Congresso do mesmo partido em 1888, e cuja redacção estava confiada a João Pinheiro e a mim.

A' excepção do «Movimento», todos esses jornaes suspenderam momentaneamente a sua publicação, depois de 15 de novembro; poucos dias, porém, durou essa situação, pois que antes do fim de novembro, elles reapareceram, sob outras denominações e com outra orientação, embora sob a mesma redacção. «A União» transformou-se no «Estado de Minas Geraes» e continuou neutro; «O Liberal Mineiro» passou a denominar-se «Jornal de Minas», e a «Provincia de Minas» passou a ser «A Ordem», com os seguintes programmas:

«A' hora em que chegar a nossa folha ao ponto mais afastado do territorio mineiro, já serão conhecidos, em todos os angulos deste vasto paiz, os graves acontecimentos do dia 15 do corrente, que trouxeram como consequencia a deposição da dynastia de Bragança, a retirada da familia imperial para a Europa, a proclamação da Republica Federativa Brasileira e a formação de um governo provisório, que se constitue depositario da soberania nacional, até a definitiva organização do novo regimen.

Representantes de um grande partido democratico, acreditando que as fórmulas de governo não passam, para as nações, de puro accidente, e aceitaveis desde que garantam a liberdade em todas as relações da vida civil e politica, a prosperidade e bem-estar dos povos, entendemos cumprir um dever, imposto pelo patriotismo, que nos animou em todas as lutas, dizendo aos nossos amigos, aos que ao nosso lado mourejavam na defesa das idéas liberaes para a conquista das reformas democraticas, o que pensamos sobre o novo regimen, a posição que o patriotismo assigna a cada um.

Pensavamos que, dentro da monarchia constitucional, havia logar para todas as aspirações democraticas, e que a evolução, lentamente, operaria a mudança, sem odios, sem abalos e sem quaesquer outros inconvenientes.

A revolução, entretanto, se fez incruenta, mudou-se a fórmula de governo; e, ou porque o povo já se achasse preparado para essa grande reforma, ou porque o patriotismo dos brasileiros não tem limites, o certo é que se tem mantido a ordem e a tranquillidade e a curta resistencia do primeiro momento substituiu a geral acquiescencia.

Não fôra a dôr que nos produz a lembrança, que não nos deixa, da contrariedade, dos desgostos de amigos que acreditavam ser possível ainda a permanencia da monarchia por algum tempo e que, de boa fé, se empenhavam em mantel-a, convencidos de que ia nisso o bem da patria, e não seríamos dos retardatarios na manifestação da nossa adhesão á nova ordem de cousas, mantidas e respeitadas as promessas do Governo Provisorio na sua proclamação.

Sonhavamos com a prosperidade e o engrandecimento do territorio mineiro pela federação das provincias: pugnávamos pela liberdade individual, pela liberdade de pensamento, pela liberdade eleitoral, pela real co-participação do povo no governo da Nação e pelo consequente alargamento do voto até ao suffragio universal; e pensavamos que, no momento, era o bastante para operar a evolução.

Fez-se, porém, a Republica sem as imaginadas reformas reputadas basicas: passou-se rapidamente de um para outro regimen, e não ha como contrariar a vontade do povo, que já aceitou o facto consumado pelo assentimento expresso de uns e tacito de outros.

Si a fórmula de governo é puro accidente na vida das nações; si acreditamos que o novo regimen, que se val definitivamente constituir, pôde garantir a liberdade e a paz, a ordem e o progresso em perfeita harmonia, nós, que nunca fomos idolatras de fórmulas de governo, a tudo sobrepondo o bem da Patria, não temos outro conselho a dar aos nossos concidadãos, sinão:

Que concorram, franca e lealmente, para que se mantenham a tranquillidade e a paz, a união de todos os estados, não sacrificados os interesses de nenhum, porque só assim a republica fará o bem da Patria, concorrerá para que o Brasil continue grande e poderoso e, pelo desenvolvimento crescente dos seus recursos, se imponha á estima, á consideração e ao respeito das outras nações.

Neste melindroso periodo de transição, quando as relações politicas estão abaladas até á raiz e tudo está por fazer, porque o que ha é provisório, o patriotismo aconselha muita prudencia, muita discreção e completo esquecimento de todos os odios e antigas divergencias.

No momento, só nos deve occupar o espirito a todos, mineiros ou não, brasileiros, emfim, a idéa da patria grande, forte, poderosa; a idéa dos Estados Unidos do Brasil organizados definitiva e constitucionalmente no mais breve prazo, ao molde das mais adelantadas republicas federativas.

E a nós, especialmente, mineiros, pela posição geographica do nosso Estado, pelos abundantes recursos com que prodigamente nos aquinhoou a natureza, votadas ao olvido as magoas e os desgostos que nos ficaram das antigas luctas partidarias, o que nos cumpre é empenhar tudo de que é capaz o nosso conhecido e proclamado patriotismo no desenvolvimento, prosperidade e engrandecimento do nosso Estado, que, para se tornar, em breves dias, o mais notavel da União, não precisa sinão do esforço patriótico e combinado dos seus filhos.

E foi o desejo de votar ao eterno esquecimento as antigas lutas, as accentuadas divergencias, que nos levou a substituir o titulo de nossa folha.

E' para que não mais nos lembremos, mineiros de todos os credos politicos no antigo regimen. [dos velhos odios e resentimentos, que damos por fiada a missão do—Liberal Mineiro—e fazemos apparecer o—Jornal de Minas].

D'O Jornal de Minas).

Ouro Preto, 27 de novembro de 1839.

«Nas circumstancias actuaes do paiz, creadas pelos recentes e extraordinarios acontecimentos politicos, já conhecidos em quasi todas as provincias, não feria mais razão de ser a continuação da «Provincia de Minas», que, durante cerca de onze annos, mantivemos nesta capital, em luta quasi ininterrupta contra os desmandos dos governos e abusos da publica administração. Por isso, cessou ella sua publicação.

Seria, porém, egoísmo e fraqueza reprehensíveis, si, no periodo de crise e de effervescencia social em que entramos na nova e memoravel phase da vida nacional,—nos recolhessemos ao silencio da indifferença, furtando-nos ao dever patriotico de cooperar dedicadamente com os que lidam intrepidos em bem do paiz, e da sorte de nossos amigos, antigos correligionarios e concidadãos em geral, a quem devemos innumeradas e generosas provas de estima pessoal e de confiança politica, estima e confiança que nos honram e que publicamente agradecemos com legitimo desvanecimento.

Esta a razão por que, para succeder e substituir a «Provincia de Minas», ora apparece esta folha—«A Ordem»—, que tem no proprio nome sua orientação e seu programma, no caminho do desconhecido em que todos estamos.

Convulsionado o paiz inteiro pela revolução militar de 15 de novembro, que depoz a monarchia, proclamando a Republica dos Estados Unidos do Brasil, qualquer que seja o regimen politico afinal triumphante pelo voto soberano da «Constituinte nacional»—unico poder competente para decretal-o—ha, des-te já, uma necessidade social que a todos sobrepuja, constituindo-se o vinculo sagrado entre todos os bons cidadãos, sem distincção de seus credos politicos ou aspirações patrioticas.

Esse vinculo, forte, poderoso e vital, ao mesmo tempo cheio de consolações no presente e fecundo em confianças no futuro,

é a—ordem—sem a qual a anarchia tudo derribará, allucinada, consternando a familia, alluindo a propriedade, abysmando justiça e moral, cobrindo a face do paiz de destroços, de sangue e de lama, entre os gemidos das victimas e os prados ferozes dos algozes.

Sendo a—ordem—como a synthese da idéa conservadora, fundamento das republicas, como das monarchias, é ainda a—ordem,—como bem observa o profundo Cousin, a liberdade collectiva da sociedade. E si a monarchia, o que ninguém em consciencia contestará, foi, sob D. Pedro II, a garantia da liberdade, podemos applicar ao nosso paiz a phrase de Thiers após o 4 de setembro em França: «A Republica será conservadora ou não subsistirá».

Em consequencia dos ultimos e extraordinarios acontecimentos, os antigos partidos, quaes se achavam organizados, desapareceram fatalmente, mas os principios conservadores—base de toda a ordem social—nunca, como agora, foram tão necessarios, tão salvadores e tão dignos de patrioticas adhesões. Trata-se da reconstrucção da patria, e si aquelles principios não lhe forem solido fundamento—sob a fórma que dictar a sabedoria dos legisladores constituintes—ter-se-ha edificado na aréa, e a obra não resistirá á primeira lufada das tempestades.

A «Ordem», affirmando aquelles principios, vem, em momento opportuno, offerer o seu humilde concurso a quantos, no novo e futuro Estado de Minas Geraes—quizerem, de boa vontade, sem antigas, mesquinhas e condemnadas prevenções partidarias—unidos e abnegados—se inspirar no patriotismo, unico sentimento que póde salvar-nos na phase difficilissima e melindrosa em que nos achamos.

Esperando, mais uma vez, o apoio dos amigos, que nunca nos recusaram confiança, dos antigos e bons correligionarios, cuja causa, acreditamos, será sempre a nossa, no futuro que se desdobra ainda cheio de incertezas, e dos concidadãos em geral, a cujos legitimos direitos e justas aspirações protestamos dedicar-nos com esforço, franqueza e lealdade, não hesitamos em contar que a «Ordem» merecerá do generoso povo mineiro acolhimento benevolo, animação cordial e apoio efficaz.

Só assim poderemos, como desejamos, desempenhar-nos da tarefa ardua que o patriotismo nos impõe».

(Da Ordem).

Nossa attitude

Em face da situação, resultante de tão inopinados e extraordinarios acontecimentos, nossa attitude é traçada pelo dever, que cumpriremos, por mais custoso que elle nos seja.

Mortos, ou liquidados ingloriamente os antigos partidos, só ao amor da patria pediremos inspiração nesta crise, em que se jogam a integridade nacional, a paz, o bem estar, a segurança, a liberdade, e—quem sabe?—a propria vida de nossas familias e de nossos concidadãos.

A revolução é um facto, indiscutivel em si mesmo, dominador pela força que o produziu e mantém, facto extraordinario que avassala o paiz de norte a sul, embora nas adhesões numerosas que suscita entrem por muito—triste é dizel-o—a fraqueza de character e a especulação de politicos sem fé, já desacreditados sob o regimen imperial.

Como o raio, a revolução feriu de subito, aturdiu, assombrou; e o Governo Provisorio, que d'elle surgiu armado, é hoje o unico poder constituido, que o patriotismo nos manda não só respeitar, mas tambem auxiliar em seus nobres esforços, emquanto souber mostrar-se justo, prudente, esclarecido e patriota, para que o paiz não se sobre nos abysmos da dissolução social.

Si a revolução trouxe, comquanto, por ora, de character provisorio, um novo regimen, que não podemos festejar, mas respeitamos, e cuja responsabilidade cabe inteira a seus auctores, partilhemos com estes, como bons cidadãos, a gloria de uma solução feliz, que restaure a legalidade, avivente as origens do direito e assegure, em bases solidas, o progresso e a regeneração nacional.

Cooperando, unidos, no magno e patriotico empenho, — sem selecção de velhos partidos já aniquillados—seja nosso objectivo o mmum a urgente conquista constitucional.

Causas accumuladas, e que a incapacidade dos dous ultimos ministerios não soube remediar, explicam o grande acontecimento de 15 de novembro. Mas ao desastroso ministerio 7 de junho cabe, especialmente, a tremenda responsabilidade da situação de que explodiu a revolta. A historia tomar-lhe-ha contas severas. Possa o seu juizo ser ensinamento proficuo aos governos e aos povos!

Comquanto armado de poderes dictatoriaes, o Governo Provisorio patenteou logo, nos seus primeiros actos, moderação esclarecida, patriotismo previdente e magnanimidade de sentimentos que cumpre reconhecer e louvar. A esta ultima categoria pertence o seu memoravel decreto relativo á dotação e recursos concedidos

á ex-dynastia imperial, acto que tem genuino cunho brasileiro, pela elevação de vistas e generosidade de impulso que o caracterizam. Proseguindo por este teor, fazendo da consciencia o seu movel, do patriotismo a sua inspiração, da justiça o seu phanal, o Governo Provisorio tranquillizará os animos apprehensivos, concitará nobremente a confiança publica e abricá caminho largo e firme ao proselytismo sincero, unico que pode salvar a Republica.

Consoante á attitude respeitavel do Governo Provisorio,—o procedimento dos antigos e convictos republicanos tem sido tambem, nesta capital e em outros logares, correcto e digno—pela moderação nos seus actos e palavras, expressão fiel dos intuitos patrioticos que os animam. Prova disso, entre muitas, deram elles no dia 17, na camara municipal no Rio de Janeiro, não consentindo no vandalismo de uma multidão inconsciente, que alli pretendia dilacerar um quadro com a effigie do ex-imperador.

Contrastando com esses bellos exemplos de criterio, delicadeza e prudencia, alguns convertidos de 15 de novembro—operarios da undezima hora—ardem em enthusismos espectaculosos por idéas que nunca tiveram, agitam-se febris no vacuo das declamações aggressivas e levam, não raro, o fervor das crenças até á provocação aos vencidos e ao insulto soez aos grande desgraçados proscriptos!

Felizmente, os directores da nova ordem de cousas tem, por certo, bastante discernimento para conhecer que as paixões ruins e grosseiras não podem ser bom cimento para a Republica. Por outro lado, — conscios de que os governos intelligentes só devem se apoiar naquelles que intelligentemente resistem,—elles hão de garantir, nós o esperamos, as justas manifestações da imprensa honesta, que na conjunctura actual, sem partido nem preconceitos, só almeja uma feliz e gloriosa reorganização da Patria.

Unica égide e salvaguarda dos povos livres, a dictadura, dolorosa necessidade nos periodos de transição politica, deve limitar-se a periodo breve. Prolongar-lhe o dominio além do prazo estritamente indispensavel, fóra ludibriar o direito, escravizar a Nação e protrahir a época em que—obedientes á soberania do povo, expressa no Estatuto da Constituinte,—devemos ficar todos republicanos ou todos monarchistas, em sã consciencia e de frente erguida, na altivez da propria dignidade resalvada.

Em nome do povo, pois, bradamos pela Constituinte, e pela liberdade de sua eleição, liberdade verdadeira, fecunda, exemplar, sem insidias, sem fraudes, sem violencias, sem acção corruptora do Poder que tanto tem estragado, entre nós, os costumes, aviltando o character nacional e degradando-nos no conceito das nações.

Venha a Constituinte, e, assim organizada, assegure-lhe o Governo Provisorio plena liberdade de deliberação. Então, a

ninguem mais será licito ir de encontro á vontade nacional, legal e legitimamente manifestada em acto definitivo — a constituição politica deste grande paiz.

Por enquanto, tudo é provisorio, como o proprio governo, com louvavel franqueza, reconhece e proclama. Antigos conservadores, antigos liberaes, antigos republicanos, sob o regimen da monarchia deposta pela revolução militar, hoje estamos todos como o proprio governo constituído, no dominio do provisorio apenas, submissos á logica dos esperados e proximos acontecimentos, logica que será inflexivel e incontrastavel procedendo da soberania nacional.

Venha a Constituinte, e, com ella, o regimen do direito e da liberdade confiscados em nome da ordem social, e sem cuja reivindicação chegaríamos miseravelmente aos extremos affrontosos em que, na phrase de Laménais, nenhum outro futuro resta mais á sociedade sinão uma dissolução hedionda, uma morte inevitavel e um sepulcro infame.

— (Da ORDEM) —

Alguns dias depois, tendo o dr. Cesário Alvim necessidade de ir ao Rio, para se entender com os membros do Governo Provisorio, passou-me, de novo, o Governo da Provincia, que exerci de 15 a 23 de dezembro. Nesse periodo, nada occorreu de interessante; estavamos numa situação completamente normalizada.

Antonio Olyntho dos Santos Pires.

Bernardo Guimarães na intimidade

POR

Carlos José dos Santos